

FIMFA Lx - Novos Festivais Novos Públicos.

Festival Internacional de Marionetas e Formas Animadas - FIMFA Lx

O Festival Internacional de Marionetas e Formas Animadas - FIMFA Lx existe desde 2001 e é organizado e produzido anualmente pela companhia A Tarumba - Teatro de Marionetas.

É um projecto renovador e aberto a novas tendências, de dimensão internacional, que pretende promover e divulgar uma área específica de expressão artística: o universo do teatro de marionetas e das formas animadas.

O FIMFA Lx afirmou-se desde 2001 como um espaço de programação contemporânea, inovadora e alternativa, que se desenrola a partir de critérios rigorosos de qualidade e reconhecido mérito artístico. É sustentado por um conjunto amplo de parcerias de programação e descentralização, apresentando as formas contemporâneas de teatro de marionetas para um público adulto, mas não esquecendo o seu contraponto com as mais tradicionais. Espectáculos que revelam técnicas ancestrais estão aqui em confronto com linguagens inovadoras.

Numa perspectiva de transversalidade artística e utilizando uma grande diversidade de técnicas (sombras, objectos, manipulação directa, teatro visual, etc.), o seu programa, para além da apresentação de espectáculos, desenvolve uma componente laboratorial e experimental, que permite a aproximação e troca de experiências entre criadores.

O nosso interesse na marioneta, enquanto criadores, reside na sua própria natureza, na sua especificidade teatral e na sua especial multiplicidade.

Encontramos marionetas em quase todas as temáticas e numa grande quantidade de manifestações artísticas contemporâneas. Têm, por exemplo, uma viva e fértil relação com as artes plásticas, com a música contemporânea,

com o teatro de actores, com as novas tecnologias, com alguns ramos da ciência contemporânea, com as tradições culturais mais arcaicas, com a experimentação de materiais, com as teorias teatrais mais diversas, etc. De qualquer forma, o mundo das marionetas resulta ser tudo menos um caminho num único sentido e, como criadores, numa primeira fase, interessava-nos esta temática do objecto como fonte de matéria, questão essa que não se colocava, pelo menos da mesma forma, ao teatro ou à dança, prendendo-se com a natureza da própria marioneta: objecto figurativo ou abstracto, material ou imaterial, quando se trata do trabalho com sombras ou com imagens, que constitui o suporte dessa outra arte dita da “manipulação”, traduzindo-se na capacidade de impulsionar vida numa forma originalmente inerte e de contar uma história a partir desses elementos. A marioneta é essencialmente visual e não é por acaso que hoje em dia uma grande parte dos marionetistas são artistas plásticos.

A linguagem marionetística exprime mais do que a simples adição de elementos, uma vez que funciona por uma justaposição de signos e da respectiva ressonância entre estes. O sentido nasce de colocarmos em tensão diferentes componentes em cena: objectos, luz, música, palavras...

De facto, a imagem nasce de uma construção triangular entre aquele que a mostra, aquilo que ela dá a ver e aquele que a recebe. Esta relação cria um espaço de reflexão, proporcionado por aquele que mostra as imagens, as sombras, os objectos, *i.e.*, o manipulador, que não indica o que se deve ver, mas antes o que olhar. Este espaço de liberdade dá ao espectador a possibilidade de construir uma relação com uma determinada imagem, permitindo-lhe elaborar os sentidos a partir do que lhe é mostrado e da sua interpretação, ou seja, tornar-se criador do espectáculo.

No âmbito do projecto da nossa companhia, A Tarumba, e perante a realidade dos festivais internacionais em que temos participado, inclusive, como criadores, pensámos que era fundamental um esforço em torno da difusão e promoção daquilo que hoje em dia é a arte da marioneta. Era importante e inadiável a decisão de arrancar em 2001 com um festival em Lisboa, um evento

que permitisse catalisar a atenção do público para a marioneta contemporânea e simultaneamente proporcionar aos criadores um contacto e uma troca de experiências que permitisse desenvolver o seu trabalho.

A ideia era efectivamente realizar uma abordagem nova ao teatro de marionetas e ao universo das formas animadas, que reflectisse a marioneta contemporânea, em dialéctica com o discurso artístico, de uma forma mais geral, numa constante relação quase que provocatória com a tradição de raiz popular e etnográfica. Tentar perceber que relações eram possíveis de construir a partir desse encontro, entre esse lado mais artesanal e o discurso artístico mais actual, como esses dois lados podiam reflectir duas formas de olhar o mundo e de como o discurso artístico contemporâneo se pode ou não refundar na tradição.

Em termos da programação do Festival tentamos criar um mostruário dessa essencial multiplicidade ou dessa básica transversalidade, que está consubstanciada no mundo das marionetas.

Os critérios para elaborar a programação de um festival são sempre de naturezas muito diversas: económicos, de disponibilidade das companhias e artísticos, propriamente ditos, que são evidentemente subjectivos, mesmo quando se quer ter uma perspectiva profissionalmente objectiva.

A programação é normalmente desenhada tendo por base diversos aspectos: uma abordagem da diversidade, segundo critérios técnicos, de estruturas dramáticas, de zonas geográficas diferentes; por vezes tentamos agrupar uma série de propostas que abordem a mesma temática, criando um bloco monográfico; criação de três núcleos de programação, dirigidos ao público adulto, escolar e infantil e promoção de novos criadores. O que conflui num conjunto diferenciado de espectáculos de sala, de rua e de pequenas formas, realizados em espaços convencionais e não convencionais, para além do desenvolvimento de actividades complementares.

Um festival deve servir para algo mais do que proporcionar ao público um painel de espectáculos. Pode, por exemplo, motivar e avivar o interesse pelo teatro, estabelecer cumplicidades institucionais, alargar a sua rede de parcerias e permitir um diálogo com outros festivais, sejam estes de marionetas ou de outro tipo de manifestação artística, impulsionar a criação através de co-produções, etc.

O desenvolvimento do FIMFA, ao longo dos seus oito anos, realizou-se a par da consolidação e criação de novas parcerias estratégicas e co-produções, designadamente com a Câmara Municipal de Lisboa, EGEAC, o Museu da Marioneta, o Teatro Maria Matos, o Centro de Pedagogia e Animação do Centro Cultural de Belém, o Teatro da Trindade, o Museu do Oriente e, já nesta próxima edição, o alargamento ao Teatro Nacional D. Maria II.

Desde o início do FIMFA que uma das grandes preocupações foi promover a sua internacionalização, através da sua imagem/qualidade, da relação estabelecida com as companhias, produtoras, festivais internacionais e sedimentação das relações de parceria com os agentes culturais locais e nacionais.

Ao logo deste oito anos, em que apresentámos uma centena de espectáculos provenientes de vinte países, num total de setenta e quatro companhias, esforçámo-nos por desenvolver um conjunto de parcerias de programação não só a nível local, mas também nacional, num programa de verdadeira descentralização do Festival, com extensões a outras cidades e regiões, como as que se têm desenvolvido com O Espaço do Tempo (Montemor-o-Novo), Teatro Viriato (Viseu), Teatro Aveirense (Aveiro), Teatro Virgínia (Torres Novas), o Teatro Municipal da Guarda, entre outros, e que tem constituído uma mais-valia em termos socioculturais, promovendo nacional e internacionalmente as diversas localidades envolvidas, e permitindo um melhor aproveitamento dos recursos envolvidos.

Criámos um programa eclético que proporcionasse um diálogo entre a tradição e a modernidade, construído maioritariamente para adultos, mas onde o

público infantil não fosse completamente esquecido, porque sabíamos que a primeira associação feita com a marioneta, era relacioná-la com espectáculos infantis, mas mesmo neste ponto, houve a particular atenção em programar espectáculos de alto nível artístico, encontrar parceiros com os quais fosse possível desenvolver essa cumplicidade artística e um desses parceiros foi o Centro Cultural de Belém, através do então Centro de Pedagogia e Animação.

Sabíamos, por um lado, que existia público para um festival desta natureza, em parte pela nossa experiência enquanto criadores, mas por outro, acreditávamos que era possível aumentar e criar um público, em particular, para o teatro de marionetas para adultos. Tínhamos a plena noção que a marioneta possuía esse potencial de atrair públicos muito diversos, desde os que veriam na marioneta uma identificação com as suas memórias de infância, até aos que procurariam nela um lado mais plástico e experimental. Do público familiar ao público universitário, a marioneta é de facto permeável a esta transversalidade de públicos, o que foi provado ao longo das oito edições.

Estávamos conscientes que numa sociedade mediatizada o que não tem visibilidade não existe e, desde cedo, nos debatemos com o problema de como comunicar esta nova realidade, a marioneta contemporânea, que estávamos empenhados em dar a conhecer e promover junto do público e criadores. Com um orçamento de promoção praticamente inexistente, era fundamental a aposta numa assessoria de imprensa eficaz, bem como a utilização de um conjunto de meios, que mostraram a sua eficácia, não só do ponto de vista da difusão da mensagem, como num maior envolvimento dos espectadores, permitindo aos diferentes públicos acederem de uma forma mais personalizada aos conteúdos que lhes eram propostos e participarem directamente na construção e promoção do evento, refiro-me concretamente a acções de rua e aos grupos de conversação na internet, correio electrónico, blogues, etc.

A manutenção de um programa integrado com exibição de espectáculos e actividades complementares de formação/debate/exposição, entre outras, revelou-se também fundamental na relação criada com o público que segue o Festival. Hoje orgulhamo-nos de poder dizer que contamos no FIMFA com um

público atento, mais informado e com maior capacidade de crítica, o que é extremamente gratificante. A questão da criação e formação de novos públicos para a marioneta passa pela compreensão das suas especificidades como linguagem artística, tanto para os espectadores, como para os programadores, os jornalistas e os próprios artistas.

Actualmente encontramos-nos num momento de extraordinária complexidade e riqueza, que ultrapassa a ideia de que o mundo das marionetas já não tem nada a dizer sobre a cultura contemporânea ou sobre as artes cénicas, que se trata de um parente pobre do teatro - arte menor, quando na realidade o que sucede é que tem constituído uma verdadeira lufada de ar fresco, pelas pontes que tem sabido construir com o teatro de actores, a dança, a música encenada, as artes plásticas e, inclusive, a dramaturgia e a reflexão cénica. Apesar de tudo não tem sido um caminho fácil de percorrer...

Esta noção distorcida do que é actualmente o universo da marioneta contemporânea tem sido talvez o maior constrangimento ao desenvolvimento do Festival que, apesar disso, conseguiu crescer, afirmar-se na cena nacional e Internacional, ser um evento incontornável na cena artística contemporânea e que, a partir de agora, esperamos ser objecto de maior atenção por parte dos poderes públicos.

Ao assistirmos a este interesse e reconhecimento crescente da importância da marioneta, do qual também nos sentimos responsáveis, não só apenas por parte do público, mas também por parte de encenadores, coreógrafos e actores, temos a noção que a sua “descoberta” não é suficiente por si só, é necessário criar uma verdadeira «cultura marionetística», o que implica a aquisição de conhecimentos teóricos e práticos. Os campos são tão vastos que atravessam as técnicas de construção, de manipulação e a aquisição de uma linguagem cénica particular, o que nos remete para a ampliação das dinâmicas que estamos neste momento empenhados em desenvolver no novo projecto da companhia, o recentemente criado CAMa - Centro de Artes da Marioneta, espaço de residência e, simultaneamente, centro de recursos e de formação.

A sua articulação com o Festival permitirá reflectir sobre a marioneta e impulsionar a criação, através de formação e apoio a projectos artísticos experimentais. Para isso pretendemos promover o intercâmbio internacional e a colaboração entre vários agentes, ampliando a circulação de espectáculos e a troca de informação entre as várias entidades responsáveis (companhias, criadores, festivais, teatros, etc.).

O grau de impacto do Festival atingido junto do público está patente na crescente afluência de espectadores, com salas permanentemente esgotadas, na atenção por parte da crítica especializada e restante imprensa, bem como na expectativa já criada relativamente ao futuro.

Neste momento abrem-se novos horizontes ao Festival, que se quer manter uma iniciativa dinâmica, aberta, produtiva, que enche a cidade e onde o público tem sempre uma participação efectiva. Desejamos que o FIMFA continue a ser uma referência na vida cultural, fundamentada no gosto e na descoberta de novas formas teatrais e, muito em especial, no teatro de marionetas para adultos, apresentando espectáculos provocadores, alternativos e estimulantes.

2 de Março de 2009

Luís Vieira

(Director Artístico)